

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ANGÉLICA MOREIRA PANARELLI

A DISCIPLINA ESCOLAR NO PENSAMENTO DE JOÃO AMÓS

COMENIUS

São Paulo

2008

ANGÉLICA MOREIRA PANARELLI

A DISCIPLINA ESCOLAR NO PENSAMENTO DE JOÃO AMÓS

COMENIUS

*Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Presbiteriana Mackenzie como
exigência parcial para a obtenção do título de
Mestre em Ciências da Religião*

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

São Paulo

2008

ANGELICA MOREIRA PANARELLI

A DISCIPLINA NO PENSAMENTO DE JOÃO AMÓS COMENIUS

*Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Presbiteriana Mackenzie como
exigência parcial para a obtenção do título do
Mestre em Ciências da Religião*

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Dr. Antonio Máspoli de Araújo Gomes - Orientador

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dr. Edson Pereira Lopes

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Dr. Artur Pinto Chaves

Universidade Metodista de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela honra de viver comigo e pela sua graça posta sobre mim em poder construir e concluir esta dissertação.

Pelas pessoas usadas por Deus, meus orientadores Dr. Máspoli, Dr. Lopes, e pelas observações construtivas de Dr. Artur.

Minha graciosa revisora e Mestra em Letras Raquel Strachicini, e às amigas Carolina Carvalho e Raquel Vertejo.

Pelo apoio atendido como providência de Deus do Mack-Pesquisa.

Pelas orações constantes que me sustentaram na realização e conclusão do curso dos membros da Congregação Ebenézer, Igreja Presbiteriana da Penha e Congregação Cristã.

Pelos meus queridos pais irmãos e familiares que me apoiaram e sustentaram a nunca desistir em meio ao que parecia impossível, e por toda paciência que dispensaram em meio a minha ausência e cansaço.

À Presidência do Mackenzie ao Dr. Davi Gomes, ao departamento de Bolsa Odaísa e sua equipe, ao Presidente do Supremo Concílio Rev. Roberto Brasileiro.

À equipe da Biblioteca da Teologia e Central, e a toda equipe da Secretária das Ciências e Teologia, pelo carinho em sempre me ajudar e atender a todo instante.

Ao meu querido Régis que foi o primeiro a orar comigo por este sonho até a conquista e junto com sua mãe a me presentear com outros amigos, a qual tenho todos guardados e cravados em meu coração.

Meu muito obrigado, pois aquele que começou a boa obra é fiel para completá-la até o fim.

*Aquele que começou a boa obra é fiel para
completá-la até o fim.
(Escrituras Sagradas)*

RESUMO

Nesta dissertação, buscou-se analisar o estudo a respeito da disciplina escolar no ensino fundamental II em junção com o Sagrado, verificando o trabalho desenvolvido pelos reformadores Lutero e Calvino e outros pedagogos, como Comenius, no meio educacional, a respeito da questão disciplinar do aluno, constatando o que caracterizou a indisciplina no século dos reformadores, e o que a caracteriza hoje. Discorrendo o que professor e aluno esperam um do outro em sala de aula, visando capacitar o docente com técnicas e métodos que trabalham a questão disciplinar. E assim resgatar do passado técnicas que proporcionem a construção de uma relação, na qual haja menos conflitos e garanta um melhor aprendizado. A proposta de Comenius e desses reformadores e pedagogos é totalmente atual, válida e indispensável, em razão da crise pela qual a humanidade educacional atravessa, devido aos problemas de relacionamento que gera a indisciplina pela insatisfação, quando algo não vai bem em sala. A partir desses questionamentos foram realizadas pesquisas bibliográficas e observações em salas de aulas, trazendo à tona toda a contribuição dos estudos desses reformadores à aplicação nas escolas nos dias de hoje.

Palavras-Chave: Comenius, disciplina, educação, ensino fundamental II, relação professor e aluno, ensino religioso.

RESUMEN

En esta disertación se buscó analizar el estudio con respecto a la disciplina escolar en la enseñanza media en conjunto con el Sagrado, analizando el trabajo desarrollado por los reformadores Lutero y Calvino y otros pedagogos como Comenius, en el medio educacional con respecto a la disciplina escolar, percibiendo lo que caracterizó la indisciplina en el siglo de los reformadores y lo que la caracteriza hoy en día, apuntando lo que profesores y alumnos esperan unos de los otros en clase, buscando capacitar al docente con técnicas y métodos que trabajan en la cuestión disciplinar. Lo que se puede rescatar del pasado hacia el presente que produzca una mejora en la construcción, donde haya menos conflictos entre docentes y alumnos. Lo que falta en ambos para una mejor relación. La propuesta de Comenius y de estos reformadores y pedagogos es totalmente actual, válida e indispensable, con razón a la crisis por la cual la humanidad educacional atraviesa. A partir de estos cuestionamientos fueron realizadas pesquisas bibliográficas y observaciones en clases, demostrando toda la importancia de la contribución de los estudios de estos reformadores a la aplicación en las escuelas en los días actuales.

Palabras claves: Comenius, disciplina, educación, Enseñanza Fundamental, relación profesor y alumno, enseñanza religiosa.

SUMÁRIO

CAPITULO 1 - O SIGNIFICADO DA DISCIPLINA ESCOLAR NO CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL DE COMENIUS	3
1.1 - As Contribuições de Martinho Lutero para a Educação	3
1.2 - Contribuições de João Calvino para a Educação	5
1.3 - Qual o Tratamento da Disciplina no Tempo dos Reformadores?	7
CAPITULO 2 – A BIOGRAFIA E A PEDAGOGIA DE COMENIUS	8
2.1 - Sua Didática	9
2.2 – Leituras a partir de Comenius.....	15
CAPITULO 3 – CONTRIBUIÇÃO DE COMENIUS À DISCIPLINA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL, E A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO	23
3.1 - Panorama Histórico da Educação Protestante até Comenius	31
3.2 - Que é o aluno de hoje e o que caracteriza essa fase.....	32
3.3 - Quando Professor e Aluno Deixam de se Entender em Sala de Aula? ..	37
3.4 - O Que Vem a ser a Indisciplina Escolar?	38
3.5 - O Que o Aluno Espera do Professor?	40
3.6 - Considerações no Relacionamento entre Professor e Aluno.....	41
3.7 - Métodos e Técnicas que Podem Ajudar o Professor em Sala de Aula ..	43
CAPÍTULO 4 - BREVE PESQUISA REALIZADA EM DOIS COLÉGIOS DA REDE PARTICULAR.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
BIBLIOGRAFIA	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a analisar o estudo, a respeito da disciplina escolar no pensamento de João Amós Comenius, tendo como objetivo geral desenvolver uma leitura a partir de Comenius.

Tendo como objetivo específico averiguar o trabalho desenvolvido pelos reformadores e outros pedagogos como Comenius no meio educacional, a respeito da questão disciplinar do aluno, verificando o que caracterizou a (indisciplina) disciplina no século dos reformadores, e o que a caracteriza hoje, delineando, ainda, o que professor e aluno esperam um do outro em sala de aula, visando à capacitação do docente com técnicas e métodos que trabalhem a questão disciplinar.

O que se pode resgatar do passado para o presente, que proporcione uma construção de melhora diária, onde haja menos conflito entre docente e discente, como também, o que falta em ambos para uma relação melhor.

Neste estudo, justifica-se que nenhuma prática educativa é neutra ou fechada, pois o comportamento humano é influenciado pelo: tipo de educação recebida no contexto familiar, escolar, pelos meios de comunicação, por entre os diversos tipos de relacionamentos nas quais se envolve. Assim, a educação tem seu papel de influência nesta relação profunda na vida dos alunos.

A proposta de Comenius e de outros reformadores é totalmente atual (porque busca uma educação continuada na vida do docente) termo usado hoje, e válida e indispensável em razão da crise pela qual a humanidade educacional atravessa, faz-se necessário um maior empenho quanto à educação para se alcançar uma melhora no comportamento do aluno.

No capítulo primeiro, trata do significado da disciplina escolar no contexto sócio-cultural de Comenius. O capítulo dois se constituirá de objetos de estudo, sobre a

biografia e a pedagogia de Comenius, E o capítulo três aponta as contribuições de Comenius à disciplina escolar no ensino fundamental II, e a relação professor e aluno na escola da atualidade. Far-se-á uso da análise prévia em Lutero e Calvino, que criaram uma reforma educacional no currículo escolar visando à construção da Educação & Sagrado (Palavra de Deus), para a constituição de bons cidadãos para a vida, governo civil, não de forma passiva, mas ativa e socialmente reflexiva. Far-se-á ainda uma prévia das contribuições do protestantismo até a sua chegada ao Brasil.

E nas sessões seqüenciais, inclui-se uma análise do aluno no ensino fundamental II, e o porquê professor e alunos deixam de se entenderem. O que docente e discente esperam um do outro. Que métodos e técnicas podem propiciar a melhora no trato disciplinar do aluno. O que vem a ser a indisciplina escolar, e as considerações no relacionamento entre professor e aluno. Para isso, far-se-á uso da metodologia de pesquisa bibliográfico, exploratório e observatório, para se entender estas observações.

CAPITULO 1 - O SIGNIFICADO DA DISCIPLINA ESCOLAR NO CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL DE COMENIUS

Esta questão será abordada partindo do ponto de grandes reformadores do século XV, que traz grandes reflexões a este respeito da questão disciplinar, e suas lutas que refletem até nossos dias.

1.1 - As Contribuições de Martinho Lutero para a Educação

A atenção a estes autores se presta como importante pela forma pela qual atuaram com seu projeto "educação em junção ao sagrado", que proporcionou um diferencial a população de sua época vivida.

Martinho Lutero, como reformador religioso, propôs reformas para a educação que repercutiram seus pensamentos por toda a sociedade. Em 1520, propôs uma reforma para as Universidades, e a sociedade política, e fez colocações de que as Escrituras deveriam constituir o principal objeto de estudo nas escolas superior e inferior (NICHOLS, 1997, p. 160 – 161).

Em 1522, fez traduções da Bíblia para as exigências da reforma como, por exemplo, o livro aos Romanos, para que o indivíduo entendesse e reconhecesse o Cristo. Em 1529, propõe para as escolas inferiores o estudo ao Sagrado.

Já em 1530, solicitou a sociedade uma prédica que enviasse seus filhos a escola. Lutero colocava e visionava que a igreja precisava de pastores, mestres e líderes, conselheiros, ou seja, a sociedade presente e futura precisava ter pessoas hábeis para viver na sociedade.

Lutero atuou como renomado professor universitário e apoiou projetos que o fez lutar pelo ensino cristão. E, mesmo diante das salutares perseguições, não se calou diante do clero, mas perseguiu a cada dia por uma reforma educacional (NICHOLS,

1997, p. 163).

Ele queria que por meio de novos métodos de ensino o jovem pudesse se alcançado, uma vez que cada educador deveria ser apto para instruir, pois era responsabilidade dos mais velhos instruir com presteza os mais jovens, não os deixando a deriva ou a própria sorte. Lutero colocava que não havia pecado que mais pesasse o de não educar.

Embora Lutero reconhecesse que nem todos tinham aptidão para ensinar, pois muitos nada tinham a aprendido ao longo de suas vidas, ou havia aqueles que embora tivessem conhecimento mais não dispunham de tempo para educar, havia outras categorias que eram da classe dos abastados órfãos. Aqueles que não tinham filhos deveriam ter a presteza de ajudar aos que estavam a sua própria sorte, tudo em nome do progresso e melhoramento social, cultural e econômico, pois do que valia tantas riquezas em uma cidade, se não havia quem os administrassem ou do que valia um homem bem armado se não conhecesse suas leis. Por isto, trouxe a importância do conhecimento que se administrasse não somente a casa bem, mas seu meio, onde se inseria isto tanto homem como mulheres, todos deveriam ter um ofício.

Esse conhecimento deveria ser algo que os levassem a transcender, ou seja, que os levassem a colocar a teoria adquirida em prática, para que não fossem pessoas sem instrução, e não viessem a ser enganado. Mas que conforme adquirissem conhecimento fossem capazes também de escrever a história de seu tempo para que não se perdessem ao longo dos anos. Lutero ainda alertou a sociedade da seriedade de se educar, para que passando o tempo não houvesse pessoas desqualificadas, mas educadas para que atuassem nas mais diversas áreas não ficando assim, somente a cargo de alguns, pois os que detinham condições segundo Lutero de mandarem os seus filhos para serem educados, e os privavam, estavam privando a cidade de um futuro libertador de paz e

proteção, jogando-os a um matadouro (LUTERO, in COMENIUS, 1937, P. 156).

O pensamento educacional era para ser melhorado, com esse princípio também inserido na educação brasileira, nas seguintes ações:

- Atuar na diversidade social
- Ser apto para o ensino (Professor)
- Primar por melhores métodos, não deixando o jovem à deriva.

1.2 - Contribuições de João Calvino para a Educação

Apesar de este trabalho tratar da questão da disciplina a partir de Comenius, deve-se delinear o processo de aquisição de conhecimento desse grande pedagogo, que teve como contemporâneo João Calvino, que também muito contribuiu para a educação.

João Calvino nasceu em 1509 em Noyon, na Picardia, era de família nobre e teve uma educação francesa nobre. Pertencia à segunda geração dos reformadores, vinte e seis anos depois de Lutero.

Aos catorze anos, foi enviado para estudar a carreira eclesiástica, mas cinco anos depois, o pai o envia para estudar direito. Com o falecimento de seu pai, Calvino estuda letras clássicas e, durante esse período, torna-se um reformador pelos ensinamentos deixados por Lutero (NICHOLS, 1997, p. 180 – 182).

Nesta época, juntou-se em meados de 1533 a outros reformadores e se refugiou para Paris, devido às perseguições. Lá, redigiu as Institutas de Calvino, dando força para os reformadores e inspirando novas conversões.

Em 1536, em uma de suas viagens, foi a Genebra, lugar onde reforma já havia sido plantada por Guilherme Farel, mas que não havia ido além pela depravação moral. Embora fosse próspera a cidade, carecia de uma melhora urgente em sua área religiosa

e educacional.

Farel em encontro com Calvino o convida para atuar em Genebra, a fim de que reparasse os males daquela cidade. Mas esses planos são frustrados.

Calvino então vai para Estraburgo e ali cresce com outros reformadores, vindo a se tornar reconhecido. Em 1541, Calvino é convidado a retornar, pois em Genebra, a população já estaria mais predisposta a possíveis mudanças de ordem social, educacional e cristã para reorganizar a igreja, sem a qual seria impossível tal mudança para o crescimento.

Propôs que a educação e a religião deveriam ser inseparáveis segundo Calvino, para um bom sistema social. Calvino por anos lutou por uma formação de melhores mestres no ensino. Segundo ele, esse exercício precisava de homens devidamente preparados, e só após vinte e três anos neste ideal, é que a cidade veio a se tornar notável e de condições morais excelentes (NICHOLS, 1997, p. 184).

Tornou-se a cidade refúgio para pensadores como Calvino ao protestantismo, pois lá havia liberdade de consciência, um lugar de preparo sólido para outros grandes reformadores. Na área educacional, lutou e conseguiu por um currículo que tivesse princípios cristãos.

Propõe-se, portanto, para a educação brasileira, as seguintes questões fundamentadas por Calvino. O pensamento educacional para ser melhorado repercutiu no seguinte:

- Ensino cristão no currículo educacional
- Melhores mestres, capacitados para uma boa administração do ensino e relacionamento com o aluno.

1.3 - Qual o Tratamento da Disciplina no Tempo dos Reformadores?

A questão que vem a esta pesquisa é a indisciplina. Todos os três reformadores passaram por ver o terror de alunos sendo maltratados, incompreendidos, estigmatizados, por não conseguirem aprender. Os métodos e linguagens eram inadequados, confusos às suas fases de idade e entendimento, outros ainda eram punidos diante de todos porque julgavam assim escola e educador estarem fazendo tal coisa para o bem de cada um deles.

Mas todos esses maus tratos só causavam terror espanto e desistência nos alunos, indo estes cada vez mais cedo para os campos de trabalho, e tornando o analfabetismo ainda maior na sociedade vigente. Não se pode desconsiderar, ainda, que toda criança dessa época era tratada como adulto em miniatura e, em tudo eram severamente punidos, a educação cabia unicamente aos meninos, e às meninas cabia o aprendizado do lar. Isso tornava cada vez mais claro que a educação era para a elite.

CAPITULO 2 – A BIOGRAFIA E A PEDAGOGIA DE COMENIUS

Jan Amos Komenský nasceu em 28 de março de 1592, na cidade de Uherský Brod (ou Nivnitz), na Morávia, região da Europa central pertencente ao antigo Reino da Boêmia (atual República Tcheca). Era de família eslava, protestante. A família seguia a seita dos Irmãos Morávios, e na escola enviado pela tia paterno já muito tarde, passou pelos horrores dos maus tratos, palmatória e a rispidez dos professores, Sua educação não fugiu aos padrões da época: aprendeu a ler escrever e contar. Esses ensinamentos eram aprendidos em ambiente rígido, sombrio, em que, a figura do professor dominava, e eram tratados como pequenos adultos, e os conteúdos escolares infalíveis e inquestionáveis, mas isto o inspira, certamente, a criar uma didática revolucionária para o século XVII.

Mas tal educação piedosa e rígida influi mais tarde a estudar Teologia na Faculdade Calvinista de Herborn na Alemanha onde adquiriu boa formação cultural e vasta cultura enciclopédica. Passou por anos difíceis de guerra, de repreensão aos protestantes, por parte do Imperador católico Fernando.

Tornou-se pastor, sendo, ainda estudante, começado a escrever diversas obras. Em Heidelberg, Alemanha, foi aprimorar seus estudos de astronomia e matemática. Voltou a Moravia e se estabeleceram em Prerov, no magistério, ansioso para pôr em prática suas idéias pedagógicas. Modificaria radicalmente a forma de ensinar artes e ciências na sua escola, destacando-se como professor. Tinha em si a inspiração na vida do martírio de João Huss.

Em 1618 se casa, mas em 1622 sua esposa e filhos morrem vitimados por uma peste, perde também, muitos escritos na guerra dos trinta anos, embora continuasse a escrever muitos livros e passar por perseguições juntos com os irmãos Morávios, refugia-se na Boêmia e pedi asilo na Polônia.

Em 1627 dedica-se na construção da reforma pedagógica para João Stadius, inspirado pela obra de arte de ensinar de Elias Bodim em 1621.

Levado para o exílio em 1628 na Polônia, Comenius não abandona a visão de que a educação e a religião precisavam passar pelo crivo da reforma, pois a falta de entendimento causaria na sociedade, falta de harmonia social, política, cultural. Por isso, a sociedade precisava ser educada para levar o aprendiz a uma progressiva iluminação da ordem intrínseca da realidade (COMENIUS, 2001, p. 20), na qual todos deveriam saber tudo.

Comenius casa-se em 1649 pela terceira vez, escreve outros livros polêmicos, recebe convites em 1641 para a Inglaterra com o fim de fundar um círculo de colaboração pansofica, mas não permanece por muito e vai para a Suécia para reformar as escolas.

Lutou em seu tempo pela paz mundial, devido a tantos conflitos e invasões se tornando um precursor da ONU em meados de 1667 a 1668.

Em 1670 falece, mas suas idéias continuaram com as suas 140 obras deixadas pois como dizia os antigos ir a Comenius era progredir.

2.1 - Sua Didática

Comenius, mesmo de posse de toda sua teoria e experiência, precisava arranjar meios adequados para melhorar a metodologia de ensino em geral, criar livros que fossem de acordo com cada faixa etária e necessidade, considerando que todas as classes sociais deveriam ser detentoras do conhecimento, homens ou mulheres, pois convinha formar o homem se ele deveria ser Homem (COMENIUS, 2001, p. 26), cultivando nele os princípios religiosos. Cada indivíduo deveria ser inserido em uma instituição escolar para que viesse a pensar e refletir, a fim de que não se tornasse imaturo, bruto ou bestas feras (COMENIUS, 2001, p. 33).

Para essas questões, havia ainda um longo caminho a percorrer, como fazer um diagnóstico para que se chegasse à enfermidade e esta ao remédio, pois o ensino ainda era fragmentado e precisava ainda trilhar um longo caminho para que se chegasse a um conhecimento mais sólido. Para Comenius, a visão e o conhecimento do educador ainda precisavam ser mais qualificados. No sentido de tanto escola, como educador, precisava abrigar e entender os diferentes tipos populações existentes da juventude (COMENIUS, 2001, p. 36).

A realidade era a desordem do tempo, ausência de objetivos, e coerência ao funcionamento interno das escolas (COMENIUS, 2001, p. 36). Comenius criticava ainda, o método duro para educar a juventude a qual desestimulava a tantos, que preferiam trabalhar, a estudar. Criticava métodos confusos, obscuros, memorativos e repetitivos.

Dizia ainda que a educação para dar certo não pudesse estar a cargo somente dos pais, e sim a cargo de educadores, não descartando a possibilidade de uma aliança entre família e escola (termo usado hoje).

A escola segundo Comenius deveria ser a oficina dos homens, que os prepararia para atuarem no mundo e enfrentarem a esfera celestial. Comenius advertiu que a cultura era necessária para que todos em sua época fossem corrigidos em sua estupidez natural, pois ninguém é tão feroz que não pudessem ser amansando (COMENIUS, 2001, p. 61-80).

Mas estes questionamentos e lutas levam, a um brilhante início da Didática Magna, que para toda essa desordem, a solução adivinha de suas reflexões ao livro de Gênesis da Sagradas Escrituras onde trazia o ensino da criação homem, que foi criado para um jardim de delicias.

E dentro de si (homem) foi dado a distinguir entre o bem e o mal.

Mas escolhemos fazer o mal e do jardim fomos expulsos para a solidão, porque fomos ingratos e nos tornamos alvo da ruína. Mas Deus na sua enorme misericórdia não nos deixou, mas nos irrigou com seu sangue.

Mas ainda assim escolheu o homem tornarem-se como vinhas degeneradas e bastardas, mas ainda assim Deus nos conclama a caminhar a seu encontro a fim de aperfeiçoar-nos nossa vida conforme seus caminhos.

Então chama Deus a atenção para as juventudes caídas e confundidas, obscurecidas, para temê-lo e o buscar, como criancinhas a qual rege a *“simplicidade mansidão, humildade, castidade e obediência”* (DIDATICA MAGNA, 1957, p.65).

Por isto a infância deve ser conduzida a Cristo desde cedo para que não cresçam como uma juventude sem cultura, onde ninguém planta rega, ou poda para crescer direto, onde crescem com o coração, costumes e hábitos grosseiros e depravados enchendo o mundo de confusão. (DIDATICA MAGNA, 1957, p.69).

Mas, no entanto ao instruir ao homem se torna capaz de *“dominar as coisas e a si mesmo, dirija a si e a todas as coisas para Deus, fonte de tudo, pois nisto esta a excelência do homem para a vida presente e futura”* (DIDATICA MAGNA, 1957, p.97).

Pois “o homem é um animal cheio de mansidão e de essência divina, se é tornado manso por meio de uma verdadeira educação, se pelo contrário, não recebe nenhuma ou a recebe falsa, torna-se o mais feroz de todos os animais que a terra produz” (DIDATICA MAGNA, 1957, p.123).

Isto mostra que o saber é importante a todos e quanto mais saber for inculcado mais será elevado, e o que assim não proceder será infeliz.

“Deve-se, portanto, desde cedo, abrir os sentidos, do homem para a observação das coisas, pois, durante toda a sua vida, ele deve conhecer, experimentar e executar muitas coisas (DIDATICA MAGNA, 1957, p. 129).

Pois cedo seu cérebro é mole, a qual recebe e aprende o que lhe é dado, mais ao endurecer fica rígido e difícil de colocar algo.

Pois se algo deve ser aprendido que seja na mais tenra idade ex: piano entre

outros.

*“Pois ao jovem cabe o preparar-se e ao mais velho realizar-se”
(DIDATICA MAGNA, 1957, p.130).*

Mas para tal iniciação é fundamental a participação dos pais e responsabilidade da escola multiplicar a luz da sabedoria por isto todos sem distinção devem ser enviados a escola, e ali se ocuparem com estudos de bons livros inclusive a Bíblia evitando o ócio que só traz devassidão à alma, pois ao contrario aprenderão a ver louvar a Deus em toda a para.

Escola ideal é aquela que é oficina de homens, onde a mente é mergulhada na essência da sabedoria para que se envolvam em todas as coisas claras e ocultas.

Lutero coloca que todos deveriam ir à escola e lá aprender a letra a moral e a religião.

E não métodos duros parecendo câmaras de torturas a qual espantava os alunos.

Pois a formação deve ser realizada *“sem violência torturas, constrangimento, mas com delicadeza”*. (DIDATICA MAGNA, 1957, p.164).

“Que a instrução seja sólida para que não se guie o homem pela razão de outro. E que a formação não seja penosa”. (DIDATICA MAGNA, 1957, p. 164).

Aristóteles coloca que o desejo no homem de aprender é inato, mas os maus exemplos de pais, amigos ou professores pode por isto, a se desfazer, (DIDATICA MAGNA, 1957, p. 172).

Mas ao ensinar o professor deverá saber segundo Comenius dos diversos tipos de inteligência a qual elenca:

*Primeiro como penetrante e ávido, e fáceis de dirigir a qual se desenvolve por si próprio como plantas de boa qualidade.
Segundo penetrantes e lentas mais dóceis precisam de estímulos.*

Terceiro penetrante ávido são indomáveis e obtusas, são consideradas detestáveis como se nada pudesse esperar, mas sabendo trabalhar se tornam de grande valor.

Quarto dóceis mais ávidos, às vezes lenta e obtusa, estas seguem as pegadas dos que vão a frente, sem imposições violentas, mais animando estimulando.

Quinta Obtusa lenta e preguiçosa é corrigível mais é necessária prudência e paciência.

Sexto débil torcido e maligno na sua maioria é gente perdida que precisa de uma boa dose de paciência e investida talvez se chegue a resultados pela persistência.

Diante do que foi colocado definiu-se que todos os homens devem ser dirigidos ao conhecimento, e quanto aos tipos de inteligência cabe ao professor procurar o melhor método para levá-lo ao conhecimento, com organização para que se faça bom uso da vida e se alcance bons resultado.

Mas o professor não pode ignorar a arte do saber semear como o agricultor, mas saber que para tudo tem seu tempo.

“Não podendo ser na primeira infância por estar apegada ao chão, nem na velhice por ser tarde demais pela memória estar regressa, o no meio da vida pela dispersão de muitas coisas envolvidas, sendo difícil concentrar-se, mas no juvenil onde há vigor e crescimento, e lançam profundas raízes (DIDATICA MAGNA, 1957, p.209).

Se para a natureza tudo tem o seu tempo à escola peca em não preparar seus utensílios para uso quando necessário para uma boa aula e o uso de bons livros, ou querer colocar muitas coisas ao mesmo tempo na cabeça do aluno. (DIDATICA MAGNA, 1957, p. 216).

Peca por metodologia confusa memorativa, não diversificada para cada aula e o uso de linguagem difícil.

Administrar bem o tempo sem fadiga e atrasos, fazer uso dos sentidos, pois são os mais fieis despenseiros da memória, ex. o uso de imagens no ensino.

Ensinar a diferença das coisas de forma que fique bem distinto, para isso faz-se necessário que além da teoria haja a prática para trabalhar e assim fazer o aluno aprender.

Deve o aluno ser ensinado a praticar a temperança no comer, beber, dominar as paixões, e não se divertir além do tempo. (DIDATICA MAGNA, 1957, p. 308).

“Aristóteles educou Alexandre de tal maneira que aos doze anos este sabia tratar com pessoas de todas as condições, reis, embaixadores, povos sábios ou ignorantes entre todos” (DIDATICA MAGNA, 1957, p.347).

“A formação das virtudes deve começar na mais tenra idade, antes que os espíritos tenham contraído vícios, pois são como macacos que quer imitar tudo o que vêem” (DIDATICA MAGNA, 1957p. 348 e 349).

Deve ainda ser dada ao aluno, a leitura das Sagradas Escrituras, pois excita e reaviva a recordação de Deus, pois o exercício do culto divino coloca Deus diante do homem e une-o a Ele, as boas obras e a uma vida piedosa. Por isso a Escritura Sagrada nas escolas seja o Alfa e o Omega “(DIDATICA MAGNA, 1957, p. 360)”.

Para que sejam firmes, não vindo a se desviar com outras leituras pagãs com tristes e perigosos exemplos.

Então define entre outras que a questão de indisciplina era culpa do professor segundo Comenius, cabendo a esse saber corrigi-la. Mas que era importantíssimo infundir o saber e ensiná-lo ao caminho ainda quando nova a (criança).

Apresenta-se assim que o pensamento educacional para ser melhorado deve ser utilizado em vistas da melhoria da construção educacional brasileira:

- Ter princípios religiosos
- Melhorar a metodologia educacional
- Saber tornar o aluno reflexivo
- Fazer diagnóstico da enfermidade para se aplicar o remédio certo
- Tirar o ensino da fragmentação
- Dispor de professores qualificados
- Entender os diferentes tipos de população
- Ter metodologia e objetivos para se educar e cuidar da indisciplina escolar.

2.2 – Leituras a partir de Comenius

Discorrendo sobre o Capítulo XXVI da obra de Comenius, que trata da disciplina escolar, podem-se ressaltar importantes observações que podem ser aplicadas na educação.

Passa-se, portanto, à explanação dos pontos observados no referido capítulo. São eles:

1. É verdadeiro o seguinte provérbio usado na língua popular boêmia: uma escola sem disciplina é um moinho sem água. Efetivamente, assim como se tira a água a um moinho, ele pára necessariamente, assim também, se na escola falta a disciplina, tudo afrouxa. Do mesmo modo, se um campo não é sachado, logo nele nascem cizânia e outras ervas daninhas; se as árvores não são podadas, tornam-se selvagens e lançam rebentos inúteis. Daqui não se segue que a escola deva estar cheia de gritos, de pancadas e de varas, mas cheia de vigilância e de atenção, da parte dos professores e da parte dos alunos. Com efeito, que é a disciplina senão um processo adequado de tornar os discípulos verdadeiramente discípulos?

2. Será, portanto, bom que o formador da juventude conheça, não só um fim, mas também a matéria e a forma da disciplina, para que não ignore porquê, como e quando deve usar uma sensata severidade. (COMENIUS, 2001, p. 401)

Diante do que Comenius coloca no ponto **um**, de sua Didática Magna, observa-se hoje que sua contribuição advém que o professor embora não use a vara, pancadas, gritos e palavras ofensivas se tornam como pancadas e varas. O professor precisa entender a juventude há seu tempo, e a juventude entender seus limites.

O professor deve vigiar estar atento para poder construir um relacionamento melhor nos mais diversos aspectos, pois atento, poderão detectar problemas iniciais de insatisfação, como Comenius já chamava a atenção.

No ponto **dois**, lembra-se que não é por métodos duros que se alcançará êxito na melhora da indisciplina, mas a coerência a sinceridade a reflexão a vigilância e o cultivo as palavras com sossego é que serviriam como alicerces para se alcançar a

disciplina. Como diz Cury, de comum acordo a Comenius, o professor fascinante é aquele que transforma a matéria em um oásis e não fonte de estresse.

Ainda para que se alcance o bom comportamento, não por imposições ou estresse de repetições de atitudes ou palavras, mas pela clareza firmeza, entusiasmo do professor deixar claro o que espera em sala do aluno.

E que este tenham medidas justas pensadas e refletidas para que venham a ser tomada.

O professor antes de se por instruí-la o aluno a força de regras, deve primeiro torná-lo ávido de cultura, mais ainda apto para a cultura e pronto a entregar-se a ela com entusiasmo [...]. Plutarco coloca que há muitas inteligências definham por culpa dos educadores, que transforma cavalos em asnos, porque não sabem educar jovens ardorosos em livres (p. 173-174)

Nenhum ensino deve vir por força, mas pelo prazer, e o prazer de se relacionarem em um ambiente escolar, sincero e franco.

3. Antes de tudo, creio que é doutrina aceite por todos que a disciplina se deve exercer contra quem exorbita, mas não porque exorbitou (efetivamente, o fato não pode desfazer-se), mas para que não exorbite mais. Deve, por isso, aplicar-se a disciplina sem paixão, sem ira e sem ódio, com tal candura e tal sinceridade, que aquele mesmo a quem a aplicamos se aperceba de que a pena disciplina se lhe aplica para seu bem e que é ditada pelo afeto paterno que lhe dedicam aqueles que o dirigem, e por isso a deve receber com o mesmo ânimo com que costuma tomar os remédios receitados pelo médico.

4. Não deve empregar-se uma disciplina severa no que se refere aos estudos e às letras, mas apenas nos aspectos ligados aos costumes. Com efeito, se os estudos são adequadamente regulados (como ensinamos já), são por si mesmo, atrativos para os espíritos, e, pela sua doçura, atraem e encantam a todos (se excetuar os monstros de homens). Acontece-se diversamente, a culpa não é dos alunos, mas dos professores. Mas, se ignoram os métodos de atrair com arte os espíritos, é, sem dúvida, em vão que se emprega a força. Os açoites e as pancadas não têm nenhuma força para inspirar, nos espíritos, o amor das letras, mas, ao contrário, têm muita força para gerar, na alma, o tédio e a aversão contra elas. Por isso, quando se adverte que à alma se apegam a doença do tédio, esta deve ser afastada com dieta e depois, com remédios doces, em vez de torná-la mais violenta com o emprego de remédios violentos. Desta prudência dá-nos mostras o próprio sol que, no princípio da primavera, não incide logo sobre as plantas novinhas e tenras, nem, logo desde o princípio, as estreita e queima com o seu calor, mas aquecendo-as pouco a pouco, insensivelmente, fá-las crescer a ganhar vigor; e,

finalmente, quando já são adultas e amadurecem os seus frutos e as suas sementes, lança-se sobre elas com toda a sua força. O jardineiro usa dos mesmos cuidados, tratando com mais delicadeza as plantas novinhas, com mais ternura as que são ainda tenrinhas, e não faz sentir a tesoura, nem a navalha, nem a foice, nem as feridas às plantas que ainda as não podem suportar. E o músico, se a guitarra, ou a harpa, ou o violino está desafinado, não bate nas cordas com o punho ou com um pau, nem o atira contra uma parede, mas procede com arte até que as tenha bem afinadas. É desta maneira que deve chegar-se a criar, nos alunos, um amor harmonioso dos estudos, se quer evitar que a sua indiferença se transforme em hostilidade, e a sua apatia em estupidez. (COMENIUS, 2001, p. 402-3)

No item **três**, a contribuição que se propõe é que todo professor hoje deva repensar seu modo de ação ante a indisciplina, ou seja, saber falar com os olhos e o coração, sem ameaças verbais.

O professor, no item **quatro**, tem que se dedicar na transmissão do conteúdo, sendo hábil a ponto de entender quando seu método de lecionar é falho ou se tornou obsoleto, e que diante disto, não vai ser pela força que vencerá, mas ao contrário tudo o que alcançara será uma sala insatisfeita, com alunos sempre cheios de desculpas para não assistir a aula, ou sair dela hora e outra, ou ali estariam presentes de corpo apenas, e ao cair de uma agulha para explodir outras reações ou desistências graduais, quando não a desistência total ao ambiente escolar como foi a tentos a aversão no passado e hoje no presente.

Além disso, na educação da juventude, usou-se quase sempre um método duro onde escolas foram consideradas como espantalhos das crianças, ou a câmaras de tortura das inteligências. Por isso a maior e a melhor parte dos alunos, aborrecidos com as ciências e com os livros, preferem encaminhar-se para as oficinas e outros da vida. Em lugar algum se ensina tudo, e nem sequer as coisas principais. Os que ficam na escola são constrangidos pelos pais, na esperança de se conseguir autoridade, mais, no entanto se deparam com a imprudência e a falta de seriedade. E saem dali, impetulantes, com vaidades mundanas relaxados. (COMENIUS, 2001, p. 157-158).

E ainda hoje apesar de toda a tecnologia e conhecimento, o professor continua agindo pelos mesmos meios outrora denunciados desde o passado, o que fez muitos

alunos perderem o estímulo pelas letras e, em todos os longos estudos e pesquisas acadêmicas demonstram, que desde o princípio todo professor em formação deve entender, que nunca deve se acomodar, pois tudo tem mudado constantemente no mundo e o aluno não fica a parte disso. Por isto o estudo não deve vir pela força, mas pelo prazer e a conscientização a importância que aquilo terá em sua vida presente e futura.

5. Se, porém, por vezes, é necessário espreitar e estimular, o efeito pode ser obtido por outros meios e melhores que as pancadas: às vezes, com uma palavra mais áspera e com uma repreensão dada em público; outras vezes, elogiando os outros: «olha como estão atento este teu colega e aquele, e como entendem bem todas as coisas! Porque é que tu és assim preguiçoso?»; outras vezes, suscitando o riso: «Então tu não entendes uma coisa tão fácil? Andas com o espírito a passear?» Podem ainda estabelecer-se «desafios» ou «sabatinas» semanais, ou ao menos mensais, para ver a quem cabe o primeiro ou a honra de um elogio, como ensinamos já noutra lugar, desde que se veja que isto não vai resultar num mero divertimento ou numa brincadeira, e por isso inútil, mas para que o desejo do elogio e o medo do vitupério e da humilhação estimulem verdadeiramente à aplicação. Por esta razão, é absolutamente necessário que o professor assista ao «desafio» e o dirija com seriedade e sem artificios, censure e repreenda os mais negligentes e elogie publicamente os mais aplicados. (COMENIUS, 2001, p. 403-404)

No trecho **cinco**, o professor deve primar por esgotar todos os meios existentes para levantar o aluno a se interessar pela aula e outros, primar pela busca de meios eficazes uma, vez que existem inteligências múltiplas e, sem entender esse fator, a aula e o relacionamento entre professor e aluno será sempre conflituosa, quando o que se prima é por ganhar o aluno, em todos os seus aspectos, e para isto retoma-se a questão dos reformadores, na busca da qualidade constante e atualizada dos mestres, para não ficarem fragmentados.

6. No entanto, deve aplicar-se uma disciplina mais severa e mais rígida àqueles que exorbitam no domínio dos costumes. Ou seja: 1. Em caso de qualquer ato de impiedade, como a blasfêmia, a obscenidade, e todas as faltas que se cometem abertamente contra a lei de Deus. 2. Em caso de contumácia e de malícia obstinada, como quando algum aluno despreza as ordens do professor ou de qualquer outro superior, e quando sabe o que deve fazer, mas

conscientemente, o não faz. 3. Em caso de soberba e de vaidade, ou ainda de inveja e de preguiça, como quando um aluno, solicitado por um colega para lhe ensinar qualquer coisa, se recusa a ajudá-lo.

7. Como efeito, aqueles delitos do primeiro gênero ofendem a majestade de Deus; os do segundo gênero arruinam a base de todas as virtudes (humildade e docilidade); os do terceiro gênero inibem e retardam os progressos rápidos nos estudos. O delito contra Deus é um desregramento que deve ser expiado com um duríssimo castigo; aquele que alguém comete contra os homens e contra si mesmo é uma iniquidade a que se deve remediar com uma correção dura; aquele que se comete contra Prisciano é uma nódoa que se deve tirar com a esponja da repreensão. Numa palavra, a disciplina deve tender no sentido de que, em tudo e sempre, se estimule e se fortaleça, através de um exercício e de uma prática constante, a reverência para com Deus, o respeito para com o próximo e o desejo de cumprir os deveres e as obrigações da vida.

8. Um ótimo modelo de regular a disciplina é nos ensinado pelo Sol, o qual ministra às coisas que crescem: 1. Sempre, luz e claro; 2. Frequentemente, chuva e vento; 3. Raras vezes, raios e trovões, embora estas coisas tenham também a sua utilidade.

9. À limitação do sol, o diretor da escola esforçar-se-á por levar a juventude a cumprir o seu dever:

I. Com exemplos constantes, mostrando que é um modelo vivo de todas aquelas coisas para as quais os alunos devem preparar-se. Falta-se isto, tudo o resto é vão.

II. Com palavras de formação, de exortação e de censura, com a condição de que, quer ensine, quer admoeste, quer mande, quer repreenda, mostre sempre bem claramente que faz tudo com amor paternal, com intenção de edificar a todos e não de arruinar sejam quem for. Se o discípulo não vê bem claramente este amor e não está dele convencido, facilmente, não só despreza a disciplina, como até se obstina contra ela.

III. Todavia, se houver algum aluno com um espírito tão infeliz para quem estes remédios suaves não sejam suficientes, importa recorrer a remédios mais violentos, para que nada do que foi planeado seja abandonado, e antes de ele ser dado por incorrigível, como um terreno impróprio para qualquer cultura, do qual nada há a esperar. Talvez, acerca de alguns, ainda hoje seja verdadeiro o seguinte provérbio: o frígio não se corrige senão à força de pancadas. Ao menos, esta disciplina, se não aproveitar àquele a quem é aplicada, aproveitará, todavia, aos outros, pelo medo que lhe incute, desde que se tenha o cuidado de não recorrer, por qualquer motivo, como frequentemente acontece, a remédios extremos, para que os remédios extremos não se esgotem antes dos casos extremos. (COMENIUS, 2001, p. 404-6) No caso aqui proposto, Comenius delineia que os professores não devem apenas corrigir o comportamento, mas resolver conflitos em sala, transmitindo experiências de vida para que fiquem cravadas no coração, tornando este aluno pensador de seus atos.

Ninguém acredite, portanto, que o homem pode verdadeiramente ser homem, a não ser aquele que aprendeu a agir como homem, isto é aquele que foi formado naquelas virtudes que fazem o homem.

- Precisam da cultura.

- *Precisam ser depurados: modelados numa construção diária para não crescer torto onde a rigidez do tempo não possa ser torcida.*

- *Precisam ser educados para não serem animais ferozes, brutos, ou troncos inertes, rudes Devem ser educados na mais tenra idade. (COMENIUS, 2001, p. 161).*

Diante desta questão o aluno só será tal qual, se espera que venha a agir, pelos bons exemplos se desde cedo forem cultivados.

E esta questão, entra o Sagrado na questão da moral, pois só o Sagrado proporciona segundo Comenius e os reformadores, a verdadeira transformação se cultivado na, mais tenra idade, por isto desde o tempo dos reformadores lutou-se para que ao lado de cada igreja houvesse uma escola, e desta uma junção a qual faria da humanidade mais reflexiva e não bestas feras.

10. O resumo do que se disse e do que vai dizer-se seja o seguinte: a disciplina tenda para que, naqueles que preparamos para Deus e para a Igreja, formemos e confirmemos constantemente a têmpera das inclina es, de modo a tornar tal têmpera semelhante àquela que Deus exige aos seus filhos, confiados   escola de Cristo, para que «exultem com tremor» (Salmo 2.11), e trabalhando na sua salva o com temor e tremor (Filipenses 2:12), gozem no Senhor (Ibid. 2:2) isto  , para que possam e saibam, não são amar, como também reverenciar os seus formadores, e não são se deixem conduzir de boa vontade onde devem ser conduzidos, mas até desejem vivamente ser conduzidos. Esta têmpera das inclina es não pode obter-se com meios diversos daqueles que apontamos já: bons exemplos, palavras carinhosas, amor constantemente sincero e manifesto; somente em casos muito extraordinários, fulminando e trovejando abertamente, mas, mesmo então, sempre com a inten o de que a severidade termine sempre no amor, se   isso possível.

11. Efetivamente, quem viu alguma vez (seja-me ainda lícito esclarecer este ponto com um exemplo) um ourives formar uma pequena imagem são   força de golpes? Ninguém. As imagens pequenas fazem-se melhor, fundindo-as que as martelando. E se lhe fica preso algum pedacito de metal supérfluo e inútil, o artista habilidoso não o bate impetuosamente com o martelo, mas extrai-o suavemente com martelinho, ou desprende-o com o lima, ou corta-o com a pinça, e, fazendo tudo com cautela, acaba por polir e alisar a sua obra. E julgamos nós poder formar uma pequena imagem do Deus vivo uma criatura racional, com ímpetos irracionais? (COMENIUS, 2001, p. 406-7).

A contribuição se faz a partir de que o professor em sala tem que ser aquele que eduque para a vida, explorando o desconhecido, não devendo corrigir publicamente determinadas questões ocorrentes, deve ser o professor sábio diariamente e cauteloso diante da estrutura de cada aluno, para que se não gere traumas que venham a persegui-lo por toda a vida. Deve-se elogiar o aluno antes de criticá-lo e, quando isso não bastar, o professor deverá buscar ajuda para ganhar o aluno, e não perdê-lo.

Quantos não se lembram de mestres inesquecíveis e que estão cravados na memória, e quantos não se lembram que seus exemplos perduram até hoje. Mesmo nos casos mais críticos em sala sobre indisciplina, estes foram ganhos pelos gestos de ouvir, conhecer, conversar, e o que faz hoje o professor pôr isto de lado? O professor tem de ensinar com presteza para a vida e corrigir com amor fazendo-os entender que precisam ser melhores e ao próximo.

Pois o homem vem à luz sem defeito, e é concedida uma vida suficiente, longa e ampla, para conduzir as coisas mais importantes desde que seja bem empregue. Mas por culpa de si mesmo e dá má formação, é que a vida não chega nem sequer para esclarecer os assuntos da mais alta importância, pois ao entregar-se a violência ou em coisas inúteis e devido aos excessos vários ou não arruinam a sua própria saúde como a dos filhos, que caso venham a gerar e apressam a morte. Mas num espaço de tempo, 30, 40, 50, é possível realizar coisas muito importantes, Alexandre Magno morreu aos 33 anos mais tinha cultura prodigiosa e venceu o mundo não com a força das armas ma com os planos (DIDATICA MAGNA, 1957, p. 129).

E se isto foi possível no passado, cabe ao professor se esmerar por conseguir alcançar tão prodigioso ato de tornar o aluno sábio diante da vida para saber agir dentro e fora de sala. Também o pescador que pensou apanhar peixes em águas mais profundas, com uma rede maior, não prende à rede apenas pedaços de chumbo que a mergulhem na água e a obriguem a arrastar-se pelo fundo, mas, do lado oposto, prende-lhe pedaços de cortiça que a mantenham a superfície da água. De modo

semelhante, quem resolveu fazer uma pesca de virtudes com a juventude, por um lado, deverá dominá-la pela severidade para torná-la temente, humilde e obediente, e, por outro lado, pela afabilidade, deverá conduzi-la ao amor e ao zelo alegre. Felizes os artífices desta têmpera! Feliz a juventude que tem mais mestre!

13. Tem aqui cabimento a opinião do eminente Eilhard Lubin, Doutor em Teologia, o qual, no prefácio ao Novo Testamento, editado em grego, latim e alemão, dissertando acerca da reforma das escolas, escreveu estas palavras: «A outra coisa é que tudo o que se propõe à juventude, que seja adaptado à sua capacidade, lhe seja exigido de modo que nada façam contra a vontade e à força, mas tanto quanto é possível, espontaneamente e de boa vontade, e com verdadeiro prazer do espírito. Por isso, sou de opinião de que as varas e as vergastas, instrumentos servis e de modo algum convenientes para pessoas livres, se não empreguem nas escolas, mas sejam afastadas para longe, e sem empregadas com escravos ou maus servos de espírito servil. Estes devem ser notados a tempo e devem ser afastados das escolas, igualmente a tempo, não só por causa da sua índole, própria de espíritos servis, mas também por causa da sua perversidade, que quase sempre anda emparelhada com aquela; e se a estas péssimas qualidades se acrescentam aos meios do saber e das artes, então estas e aqueles se transformam em armas de vileza e serão espadas nas mãos de loucos furiosos que, com elas, se degolarão a si mesmos e aos outros. “Há, todavia, outros gêneros de penas que podem ser aplicadas aos jovens que nasceram livres e de alma liberal, etc. » (COMENIUS, 2001, p. 407-8)

Ser professor segundo juramento é travar uma batalha por toda a vida de atuação, com todas as atitudes sendo tomadas de forma extremamente pensada, estudada, avaliada até o fim, para ganhar o aluno, e jamais perdê-lo para uma expulsão, conforme Comenius avalia em sua página final.

CAPITULO 3 – CONTRIBUIÇÃO DE COMENIUS À DISCIPLINA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL, E A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

Diante da questão apresentada acima, inicia-se esta pesquisa a respeito da evolução protestante no Brasil, recorrendo-se aos estudos de Jether Pereira Ramalho e outros, em sua pesquisa da prática educativa com a sociedade colocando a educação, não como uma prática autônoma, mas subordinada a uma teoria social que lhe forneceu critérios para suas ações. E a educação, por sua vez, colaborou na interpretação da realidade social. Não foi reflexo de influência da sociedade, mas possui uma relação de autonomia e contribuição da camada social, lutando para alcançar determinados fins.

Com isto, o protestantismo estudado de forma analítica mostrou que, no Brasil, chegou como uma nova religião, a qual não estava presente na formação da sociedade brasileira, porque no período colonial o que regia no sistema brasileiro era o catolicismo. O protestantismo só se efetou no século XIX pelo esforço militar de ocupação, fazendo com que outros movimentos religiosos viessem a se instalar por todo o Brasil, atingindo diversas camadas sociais, o que proporcionou uma contribuição e organização social às necessidades, uma vez que o Brasil estava em desenvolvimento e crescimento, embora ainda privilegiasse a elite.

A educação foi à principal contribuição para a expansão social, e também do Evangelho, mas à medida que a educação crescia nas instituições, o Evangelho ia perdendo sua força, deixando espaço apenas para o ensino laico.

O ensino que veio para o Brasil foi trazido da América do Norte, em junção a o seu método de ensino, e sua contribuição financeira.

Sem a influência protestante, o método de ensino era autoritário, não encorajava

aos alunos a discussões ou participações. A pedagogia era memorizadora, monótona e ditada, sem trabalho de campo. As matérias eram ministradas sem profundidade e totalmente independentes. O docente não tinha o devido preparo para atuar e, somente com o protestantismo as mudanças aconteceram, passaram a ocorrer mudanças na educação e na sociedade, possibilitando a formação do homem para a vida prática do trabalho, moral, raciocínio para educação prática e completa, de forma atuante para a vida social.

Caberia ao professor ser inovador e melhor preparado para o ensino, pois esse não poderia ser mais acumulativo, e sim ter princípios cristãos, e com a relação professor e aluno deveria ser de amizade. Toda essa inovação protestante teve aceitação pela ambição social de crescimento por parte das classes sociais.

Houve tolerância do protestantismo na educação por não ser uma ameaça para a sociedade e que através destes a modernidade e o pioneirismo e a renovação seriam alcançados.

Com Hack (2005), houve a contribuição em mostrar o incessante trabalho árduo missionário norte-americano, para preencher as lacunas existentes no Brasil. E toda esta vasta pesquisa documental mostrou que o protestantismo trazia em seu bojo as rivalidades religiosas entre protestantes e católicas, e que os incansáveis missionários, com todas as forças, lutaram por um Brasil moderno e com visão para o progresso não somente social, mas moral, em função do Evangelho.

Esse progresso aconteceu por muitas imigrações, trazendo mão-de-obra, idéias e contribuições para o desenvolvimento nacional. O protestantismo proporcionou grandes avanços, influências econômicas e ideológicas pelos norte-americanos, que consolidaram mais esperança para o progresso, o que fez as igrejas expandirem por todo o Brasil lançando a semente e investindo na formação ministerial dos que aqui iam

sendo convertidos, com uma vasta literatura apesar de todas as tradições e preconceitos existentes.

Embora Hack deixe claro que a identificação de um grupo religioso com conquistas políticas militares ou econômicas obscureceu o objetivo do plano missionário, foi difícil desvencilhar-se de suas tradições (Brasil).

O protestantismo nos primórdios firmou-se no propósito de propagar seus princípios não apenas com a pregação do evangelho, mas também através das escolas, uma vez que o quadro de analfabetos era alarmante, e alfabetizando traria o penetrar da evangelização e o preparo para os professores (HACK, 1985, p. 57).

Com isso, a igreja norte-americana, segundo o autor, investiu em construções de colégios com princípios cristãos que, de início, privilegiou a elite para que estes pudessem criar uma consciência favorável à implantação do Evangelho.

Assim, ao lado de cada igreja foi construída uma escola, pouco a pouco suprimindo a ineficiência pedagógica brasileira, que muito se modernizou, devido os investimentos financeiros e pedagógicos trazidos de fora. A eficiência do ensino era uma preocupação permanente dos colégios, pois se buscava por métodos que assegurassem a eficiência no trabalho, desenvolvimento do indivíduo nos aspectos físicos, intelectuais e sociais. A eficiência do ensino era avaliada pelo sucesso alcançado pelos alunos através do trabalho esforço e caráter.

Gomes (2000) colocou que a influência da reforma sobre a educação foi inegável, o movimento religioso era um dos fatores mais importantes na ascensão de uma cultura escrita em função de algumas variáveis, e isto se deu pelo contato com a Bíblia. Porém, para isso, foi necessário haver a alfabetização, e dela formas e preparar grandes educadores.

Corrêa (1980) trouxe uma interessante história do ano de 1947 de 2 de outubro,

onde mostra sua rica passagem pelo Mackenzie, onde lecionou Português, Latim e Filosofia até se aposentar.

Durante seu tempo de aula, Corrêa preocupou-se em suas aulas, visando deixar um dos maiores princípios para a vida o Sagrado, entre o lar e a escola em prol da juventude que desabrochava cheio de esperança, pois era função do professor nortear o aluno na faixa problemática, tornando os estudos prazerosos, despertando sua curiosidade e criatividade.

Isso fez com que os alunos despertassem interesse pelos princípios evangélicos, pela oração, o que pouco a pouco, aqueles corações foram sendo transformados.

Em Ribeiro (1981), observa-se que o presbitério em 1867 propôs meios próprios para implantar o evangelho no Brasil. Dizia o Rev. Simonton que o meio indispensável para assegurar o futuro da igreja evangélica no Brasil era o estabelecimento de escolas para os filhos, pois o valor da educação estava vinculado à nova vida espiritual evangélica, o Evangelho era o estímulo a todas as faculdades do homem, o que os levava a fazer os maiores esforços para avantajá-los no progresso. O analfabetismo era o problema, mas com a agregação da escola-igreja, a população ia sendo instruída para o trabalho.

Mendonça (1984) em seu texto trouxe uma vasta pesquisa do protestantismo do século XVI cansado e diluído como o brasileiro. No século XIX nos Estados Unidos, o protestantismo já apresentava uma heterogeneidade ao lado do puritanismo, o qual abrangia todas as denominações históricas de grandes avivamentos religiosos que introduzia formas eclesiais novas e idéias teológicas, uma sociedade que procurava seu caminho.

A mensagem protestante foi canalizada pelos missionários para a camada elitizada e depois para homens livres e pobres da população rural. O protestantismo,

enfim, com sua rigidez teológica e seus credos datados do século atrás e produzidos em contextos diferentes, trazidos ao Brasil no século XIX transformou-se em marcos religiosos, e entrave protestante a sociedade mais ampla.

O protestantismo teve êxito, e a proposta religiosa ocupou lugar parcial do religioso oficial, com a educação sendo seu último reduto, e a secularização devida à República esvaziou este último reduto.

Lopes (2006) traz uma rica abordagem em seu livro, relacionando pedagogia à teologia. Nessa relação, como se apresenta em Comenius, vê-se a importância da educação como remédio divino para a corrupção do gênero humano, com base nos princípios da instrução, moral e piedade. E diante destes princípios, lutou pela democratização do ensino a todos, e por melhores professores.

Toda a contribuição desses autores mostra o caminhar protestante em função do evangelho que traria uma melhora no caráter, e moral do aluno através da educação, para melhorias do Brasil. A reforma protestante teve seu início em meados do século XV em diante, e se deu pelas injustiças sociais, pela ausência da verdade por parte da Igreja a respeito do Sagrado, que causavam enormes danos à sociedade, principalmente à classe desfavorecida.

João Wicliff, grande estudioso e observador da época tornam-se famoso como o homem mais culto da Universidade de Oxford, e padre de Lutterworth. Ele se opôs a todo o papado, denunciando as injustiças de que não deveria haver distinção de classes dentro do clero e nem que fossem cobrados impostos na Inglaterra tão pesados ao povo pobre e miserável, também ao lado de Savonarola, que exigia a reforma da igreja no aspecto moral (NICHOLS, 1997, p.148).

Com estes fatos, Wycliff passa a ganhar a simpatia das classes abastadas, inicia grandes publicações na linguagem acessível ao povo comum. Atacou o sistema de

Igreja Medieval e declarou que a Bíblia seria única e verdadeira regra de fé e prática. Com isso, Wycliff e seus adeptos fizeram grandes feitos, tais como a tradução da Bíblia para o latim e, mais tarde, para o inglês, para que todos viessem a ter acesso. Com essa ação, a Bíblia foi sendo difundida em toda a parte e, mesmo com as grandes perseguições, não intimidou a outros a se levantarem em função desta causa, a qual sabia que ali estava à maior de todo a verdade.

João Huss é outro grande homem que abraça a causa, é respeitado por seu povo natal, onde seus cultos já exerciam poderosas influências na Universidade de Praga. Ele, além de sacerdote de destaque, era um grande pregador e porta-voz dos anseios políticos e religiosos do seu povo boêmio (NICHOLS, 1997, p. 149).

De posse dos ensinamentos e escritos de Wycliff, Huss defendeu o direito de pregar a verdade de Cristo, porque segundo estes o Sagrado traria luz e verdade à razão humana, e escreveu a lei de Cristo como suficiente para a Igreja. Huss com Wycliff é martirizado, em sua época, pelas oposições e escritos contra o clero.

Em cada parte da Europa, o martírio só veio fortalecer e revoltar o povo contra a Igreja, aumentando o desejo de que uma reforma precisava acontecer, embora isso tivesse se arrastado lentamente.

Durante a Renascença houve um grande despertar de descobertas por todos os lados da Europa: descobertas geográficas, invenções mecânicas como as da imprensa, e essas fizeram com que os livros que despertavam a mente humana se aprofundassem nas pesquisas da verdade. Isto se expandiu por toda a sociedade nas áreas sociais, políticas, econômicas, industriais, acadêmica e cultural, tornando a população atuante, reflexiva, passando a ter oportunidades de contato com outras culturas e conhecimento, o que tornou parte da humanidade da época mais pensante de todos os acontecimentos de ordem social e clerical (NICHOLS, 1997, p. 152).

Diante desta inquietude o caminho para a reforma começou a ser trilhado com mais força. Na Alemanha e em outros territórios, ocorreram lutas e opressão da nobreza.

Mas foi com Martinho Lutero, influente estudioso, que fez a Bíblia ser difundida por todo lugar, principalmente ante toda a injustiça do jugo papal, o levando a pregar as 95 teses que tratava das indulgências (que desviava o povo do ensino a respeito de Deus). Neste ato, houve muitas perseguições, mas, ainda assim, o movimento se espalhou e produziu no povo da época uma nova vida religiosa, trazendo a consciência à formação de grandes educadores, o caminho delineado rumo à reforma. Esses religiosos e educadores tinham como meta ensinar a população a enxergar a verdade, através da Palavra de Deus. Para isto, houve necessidade de que ao lado de cada igreja houvesse uma escola, para que o povo pudesse ser alfabetizado e evangelizado, ou seja, chegasse à verdade bíblica a respeito de Deus que traria a humanidade a sabedoria em forma de exortações, mandamentos, apoio e encorajamento.

Foram esses os grandes pensadores e influenciadores da época: Lutero, o iniciador de toda a reforma, e Calvino, que tinha como um dos ideais que todo estudante tivesse a mente formada pelo ensino cristão para que fosse um cidadão bem preparado. Em 1592, Comenius, grande reformador da educação, tinha como meta estruturar o ensino, o qual tinha em seu íntimo desde a juventude.

Diante desses grandes reformadores protestantes e outros posteriores, adveio uma profunda reforma educacional que influenciou a cultura, ética, economia, formando o homem para a vida intelectual e moral. Ao chegar ao Brasil, não teve a mesma força, mas muito de seus princípios foram aqui instalados.

Outra questão que pode ser observada pela visão de Pattsos é através do mistério

que propõem da estrada árdua, certamente de uma sociedade injusta e de um desafio permanente, diante da realidade, tão acintosamente opressivo, onde tantos são omissos, passivos ou convenientes há um papel importante para o trabalho que se dispõe a levar o entendimento. (PATTOS, 1991, p. 9).

Todo construto do Brasil vem imbuído de idéias e ações de preconceito pelo branqueamento da raça, industrialização escravocrata, crianças tratadas como adultos em miniaturas para ajudar no sustento da família e ao sistema, essas e outras expressam o pouco caso a Educação e, este por sua vez desfavorece o aluno. Ante a uma sociedade elitista com seu paradigma a qual só propagou a exclusão entre aluno e escola, pela “domesticação da consciência do explorado” (PATTOS, 1991,24).

Partindo da premissa que a escola era totalmente de conceitos tradicionais e nada democráticos, a qual tirou por longo tempo muitos da escola deixando uma camada popular enorme sem serem alfabetizados devidamente em função de seus dogmas e diagnósticos em torno de uma avaliação de características biológicas, psicológicas e sociais da clientela, por médicos, psicólogos e pedagogos, a qual nada ajudou, e só estigmatizou e fez com que uns fossem considerados (alunos) mais dotados e menos dotados, para que ocupassem os melhores lugares.

Mas estes preconceitos e desajustes trouxeram um enorme fracasso escolar que por muito tempo o aluno carregou a culpa.

“Ora por serem turbulentos, desajustados, pobres desfavorecidos de condições financeiras e materiais, desnutridos, ou famílias desajustadas, entre tantos outros”. (PATTO, 1991, p. 81).

Estas questões foram colocadas ao aluno, excluindo assim o governo regente ou o sistema de qualquer culpa. Mas com a nova escola chega-se a premissa que somente um ensino de boa qualidade, professor bem formado interessado manejando bem o

conteúdo do ensino, uma vez que este nem sempre dispunha de formação adequadas outras vezes salariais, estrutura familiar, ou por não querer trabalhar em condições precárias, questões estas que refletia no rendimento escolar do aluno. (PATTO, 1991, p. 88).

Mas deveria levar em conta as especificidades do aluno, suas características, faixa etária, experiências e cultura inserida, em junção da escola e família, é que se alcançaria o êxito.

3.1 - Panorama Histórico da Educação Protestante até Comenius

A educação passou por diversas fases árduas, mas ganhou muitas contribuições ao longo do tempo. Larroyo (1974) mostra que com a vinda da família real para o Brasil e a retirada dos jesuítas, a educação não esmoreceu, no entanto, foram criadas bibliotecas-escolas, diversas por todo o Brasil Colônia. Em 1808, apareceram muitas publicações, como por exemplo, as poesias de Basílio da Gama e muitos outros. Surge nesta época a Gazeta de Jornalismo, inaugurada no Rio de Janeiro.

D. João VI trabalhou pelas necessidades imediatas no campo da educação, embora todo esforço ainda fosse falho. Na independência do Brasil, a educação tomou novos rumos e muitos projetos foram levantados, tais como o projeto lancasteriano de 1823 do ensino mútuo, no qual havia um profissional para muitos alunos para que não houvesse acarretamento de custo.

Esse projeto não teve duração, pois não produziu resultados satisfatórios. A província ficou com a responsabilidade da educação secundária, ficando a superior a cargo nacional, o que trouxe muitas conseqüências: estagnação e professores mal formados. Em 1872, a população era dez milhões de habitantes para apenas cento e cinquenta mil alunos matriculados, e os analfabetos estavam em 66,4% (LARROYO, 1974, p. 899).

Em 1878, Leôncio de Carvalho se impressiona com o método americano protestante, e se esforçou para aplicá-lo no Brasil, embora o ensino religioso não fosse obrigatório. Foram feitas muitas tentativas pela educação, mas o Império não foi além.

Somente com a República, retomou-se a esperança de criações de novas escolas e cursos técnicos e universidades de acordo com a necessidade e desenvolvimento do país.

3.2 - Que é o aluno de hoje e o que caracteriza essa fase

Hoje, o aluno do Ensino Fundamental II tem como característica em si a predominância de muitas questões que povoam suas cabeças, como por exemplo: por que não pode isso ou aquilo, no meu tempo por que a coisa tem que ser assim por que não posso fazer tudo o que eu quero, por que não posso assistir ou escutar o que quiser, ou me vestir como quiser. Outra questão em sua personalidade em formação é que está saindo da fase que os pais eram, a quem imitavam, e agora estão à procura de uma nova identidade, de um grupo para si (que escolhem, ou são escolhidos), com suas características imaginárias, e sem muitas responsabilidades, a palavra responsabilidade ainda é desconhecida para eles, uma vez que sempre tiveram os pais ou professor único que cuidavam de tudo, não querendo ninguém os investigando e fazendo cobranças. Essa fase torna-se conflituosa e não muito entendida pelos adultos, sendo eles pais, professores ou diretores.

Cai-se sempre no modo de correção verbal ofensiva ou punitivos pelos pais, ou ainda pelos docentes ou diretores, que os convidam a se retirarem da sala ou levam chamadas verbais extremamente altas diante de todos, não que não seja necessário, mas com prudência.

Enfim toda esta questão é conflituosa, e poucos são as escolas que hoje procuram trabalhar ou entender o que há por trás da indisciplina, que considere, por exemplo, toda

a questão do desenvolvimento físico, psicológico, questões de ordem familiar, social ou crise, causadas pelo próprio grupo, onde se insere por muitas vezes, ou ainda causas de rejeição nos mais diversos aspectos, e toda a incompreensão de um mundo que ainda não tem resposta, pela maturidade ainda estar em formação. Ou quando poucas vezes são ouvidos.

Com isto há um desgaste do docente, diretor, que por não darem conta, os encaminham para orientadores, com a responsabilidade de torná-los melhor, e quando assim não procedem, é novamente levada a psicólogos, que podem encontrar ou não uma solução para os seus problemas.

Então todas estas questões se tornam ainda mais negativas para esses alunos, embora seja medidas importantes para o aluno se encontrar, em meio a seus atos impensados ou como: “eu não tenho jeito”, “sou difícil”, “não vou dar para ser alguém”, “só causo problemas para a escola e família”. É neste ponto que resgatamos os três reformadores, o que eles faziam em sua época, que podem a vir ajudar hoje:

Primeiro, os três reformadores tinham em comum o princípio-base de ensinar à luz da Sagrada Escrituras, para que fossem bons cidadãos. Isto significa que o Sagrado traria a mente desses estudantes à reflexão de Deus, de homem e do mundo, ou seja, segundo Comenius, a Palavra de Deus ofereceria o escopo do pensar e do agir através dela poderiam ter uma real visão de Deus, deles mesmos e de mundo pela ótica das escrituras, podendo modificar e transformar a realidade.

Um segundo ponto a ser abordado sobre a questão da indisciplina, é a questão de entender a juventude há seu tempo suas diferenças sociais e culturais.

A atual sociedade vive pautada pelo capitalismo, regado por tecnologias avançadas, do imediatismo, intolerância, que são povoadas e ensinadas por todos os meios de comunicação competitivos, onde prevalecem os melhores e mais espertos bem

vestidos, não com qualquer marca, mas com a marca regente e ditada pela moda, corpos cada vez mais magros ou trabalhados. A decadência moral por falta de base princípios ou ética está cada dia mais á tona.

Esta tem sido a realidade frustrante em todos os quais muitos da juventude têm crescido, e cujo resultado é a impaciência, solidão, ociosidade, consumo compulsivo, depressão, por verem que os pais não podem fazê-los acompanhar a moda que dita regras para serem aceitos em seu grupo, se sentem feios, não se sentem compreendidos.

Nas suas diferenças sociais, o capitalismo tem cedo demais levada a juventude a olhar desde a infância o seu amanhã consumista, deixando-os desalentos, ou seja, desligados pela obscuridade dos reais meios de comunicação, tornando-a uma massa cada vez mais passiva de ação, tornando e reflexão, sua formação cultural fragmentada, e esta a sociedade cada vez mais diferenciada por todos os lados.

Então, surge à questão da qualificação da escola e docente face essa diversidade social, tendo o docente e a escola à oportunidade de abrir ou fechar as portas deste entendimento, desta construção entre agente educacional e educando, trazendo o prazer do aprender, de dar o prazer aos educando de serem ouvidos, entendidos, em suas mais diversas dúvidas e dificuldades e não serem calados, por um lugar que passarão parte de suas vidas, como um segundo lar.

A escola tem que se planejar, conhecendo seu bairro, seu aluno, família, propondo atividades, que faça destes participantes e atuantes dentro de seu contexto, e com a construção do conhecimento, apresentando outras realidades existentes.

Outra questão a respeito dos três reformadores em comum era ter no currículo escolar princípios cristãos para que se tivessem bons cidadãos na sociedade e no governo civil.

Embora trazendo a lembrança de que ter no currículo escolar princípios cristãos,

não aplacava o problema das cidades da Alemanha onde Lutero viveu nem na Genebra de Calvino, ou na Moravia de Comenius, mas aplacou a conscientização da decência e ordem moral, e bons costumes a vida social, e particular segundo Corrêa discorre em sua passagem pelo Mackenzie como professor.

Hoje e como no passado às escolas precisam de modo geral aplacar a indisciplina para a disciplina à luz da Escrituras, com princípios bíblicos, tendo em seu currículo escolar o ensino religioso que, conforme a lei artigo 33 da lei 9394/96 do ensino religioso traz princípios de ética e solidariedade entre outros para seu corpo escolar e entre docente e discente. E a respeito dos métodos, Comenius foi quem mais defendeu a respeito desta questão de que o professor precisava adequar seu método à realidade de cada aluno, caso contrário, estaria fadado ao fracasso. O método se definia em conhecer seus alunos, dificuldades e grau de conhecimento, para que se pudesse chegar ao aprendizado de todos.

O professor do passado, do presente e do futuro sempre, segundo Comenius, tem a responsabilidade primordial de construir um aluno curioso e autônomo.

Para esta construção, se faz necessária uma permanente qualificação profissional na busca pelas competências de aprender a conhecer, a fazer, viver junto com o outro, e a ser.

Essas necessidades têm se tornado ilimitado dentro muitas vezes de salas lotadas, sob muita pressão diária. A cada dia que passa, necessita-se de mais professores, qualificados e com princípios e conhecimento e envolvimento genuíno com o Sagrado, alguém que faça a diferença com sal, fermento na massa, a qual sem eles é insípida ou nada cresce como Jesus já dizia.

Porém essa demanda nem sempre trará professores aptos para instruir adequadamente, questão esta que os próprios reformadores já discutiam, havendo assim a

contínua necessidade de uma educação e de equipes de apoios pedagógicos e administrativos, atuantes em meio à diversidade.

Tudo isso para que houvesse uma melhor atuação em sala de aula por parte do professor e que este estivesse atualizado sempre nos acontecimentos do mundo, participando de centro de pesquisas, evitando assim um aluno fragmentado.

Segundo Snyders e Comenius, a sala de aula deve ser um espaço alegre e não um tempo de enfado, o professor segundo estes educadores deve ser capazes de diagnosticar possíveis problemas existentes para aplicar o remédio certo para que educando e educador vivam segundos, minutos, quartos de horas, à espera que a monotonia termine, a fim de que portem risos para a vida lá fora; a tristeza da escola termina por deteriorar a alegria de viver (GUIMARÃES, 1999, p. 25).

Corrêa e Guimarães mostram em suas pesquisas que princípios cristãos norteia esta fase conflituosa do aluno do Ensino Fundamental II, pois é ela que levará o aluno a uma vida de renovação exterior partindo pela premissa do interior, e este a ação.

Embora Snyders coloque que isso não significa, no entanto, que os alunos não tenham que vivenciar momentos de não-alegria, frustração, uma vez que a vida não é algo deslumbrante. Em vez disso, propõe que a sala deva ser um espaço alegre de ensino prazeroso que venha gerar a disciplina.

Sobre a questão da indisciplina, Vasconcelos (2001) coloca que a criança quando entra na escola está imersa em desafios para se integrar em normas e regras, que já recebidas em casa, porém agora de forma coletiva. E, para este fator ser bem sucedido, a escola precisaria ter claras suas normas disciplinares, mas ainda assim não garantiria a ausência da indisciplina.

A educação dada aos filhos não prevê de que forma usarão (os alunos) para tentar romper normas leis estabelecidas, mas quando a escola se torna acolhedora e passa a ter o

respeito mútuo ao outro como a si mesmo, as chances serão maiores de disciplina em sala de aula.

3.3 - Quando Professor e Aluno Deixam de se Entender em Sala de Aula?

a O que o professor espera do aluno

Essa é a questão que, durante anos, parece nunca se fazer calar. O professor está sempre esperando do aluno, que este se proponha a chegar à sala sempre disposto a dispensar toda a atenção para o conteúdo que será ensinado, durante todo aquele período de aula, que se proponha a ter um bom comportamento, com toda a atenção voltada para o professor como se ali não houvesse, mas ninguém além do professor.

De fato isto é importante, mas não é parte de um todo.

Que este aluno se disperse de preferência no intervalo, no restante do tempo que tudo já esteja com o aluno (apontador, garrafinha de água e todo seu material completo, para não precisar olhar para os lados), e de preferência o uso do banheiro somente nos casos de necessidade mesmo, quando não puder mesmo segurar. Enfim o professor quer ainda que todas as perguntas e dúvidas sejam tudo direcionada a ele somente, evitando assim, ao máximo o contato com o amigo ao lado, para não se distrair.

Pesquisas costumam afirmar que o professor tem apenas doze segundos para prender a atenção deste aluno, caso contrário, todo o conhecimento se esvai, embora toda esta questão seja muito complexa para ser discutida nesta pesquisa.

O professor ainda deseja que este aluno apresente boas notas, desempenho e um bom relacionamento diário dentro e fora de sala, com colegas e professores. Quanto à metodologia na aula, o aluno tem que entender, segundo o professor que há muitos em sala de aula e não dá para diversificar muito ou ter grandes idéias para o ensino ficar mais prazeroso. Se a escola tiver uma equipe de artes, ótimo, caso contrário, o aluno terá que entender que não dá para fazer milagre, sendo ele o professor um só, para ter tão grandes

idéias em sala na hora de transmitir o conteúdo, afinal de contas, é tudo muito bom, mas cansativo, pois há muito por fazer, pensar e resolver quando se trata de ensino.

Este é muitas vezes o pensamento que predomina a grande maioria dos professores. Pelo contrário, essa pesquisa não visa criticar este pensamento, e mesmo porque não é fácil ser criativo quando não se dispõem de recursos, embora envolto a tanta tecnologia e reaproveitamentos, e sim entender o que docente e discente esperam um do outro e ao conhecer um e outro tentar amenizar conflitos ocorrentes.

3.4 - O Que Vem a ser a Indisciplina Escolar?

Segundo pesquisadores e professores, a indisciplina advém de fatores muitas vezes, pelo álcool, drogas, fatores biológicos (condições físicas ou intelectual), sociais (problemas familiares, excessiva proteção dos pais, carência social, influência de ídolos violentos), escolas conteudísticas, (relação desequilibrada entre professor e aluno, ou seja, preocupados somente com a produção do saber, sem se preocuparem em humanizar o aluno). Preocupando-se em moralizar a infância e fabricar uma criança ideal, como se isto fosse possível (FRELLER, 2001, p. 28).

Verificou-se ainda que a indisciplina seja um empurra onde parte da culpa vem dos pais por não educarem direito, pobres ou ricos, para os pais a culpa é do professor e da escola que não dão conta de instruir direito e não dispõem de medidas rígidas, ou quando não são rígidos demais trazendo parte do fracasso escolar como no passado dos reformadores.

Por outro lado, alunos gritam a falta de respeito dos professores em sala de aula, pelo ensino ser mal colocado, ou pela ausência de transparência do professor, falta de respaldo definido e justo. Ou quando são injustos, faltando compreensão, flexibilidade, ignorância, gritaria, carrascos, autoritários, provas surpresas, preconceito, confusos, ou sem domínio do conteúdo a ser transmitido (termos assim

colocados por alunos), das escolas da rede particular e pública pesquisadas.

Diante destas questões, como o aluno não tem poder para mudar, ou questionar a prática docente, ele faz de conta que estuda, mas não entende o assunto, porque só 'engoliu' a matéria, sem digeri-la para sua vida prática.

Com isto, a indisciplina permanece e explode de tempos em tempos, ou diariamente por alguns alunos, e isso tem sido o grande dilema de longos anos.

Mas estes atos nada mais são, segundo Freller, necessidades que não estão sendo satisfeitas, onde muitas vezes este aluno passa a ser considerado como coisa e não, mas como sujeito, e através da violência chamada indisciplina, que tentam reverter esta situação, quando professor e escola não respondem aos seus requisitos de construção e respeito.

Retomam-se neste ponto novamente os três reformadores a todo este caos da indisciplina escolar e social. E o que eles tinham como visão, era que a indisciplina fosse tratada a luz das Sagradas Escrituras, pois ela é que dá o norteamento e suporte onde a razão humana é falha, e em meio à escuridão de idéias confusas.

É a Bíblia que traz a existência o entendimento do eu em meio ao caos educacional e social, diante do que fazer. É o Sagrado que traz a construção na mente humana, do entender-se e entender o outro em seu contexto, de fraquezas e falhas, tornando-se flexível as dificuldades do outro, criando em seu interior, ações de cooperativismo, e abandono de suas antigas práticas, abrindo um horizonte de um novo conceito de vida para si (aluno) e para o outro.

As escolas brasileiras estão vivendo um momento crítico, principalmente na questão da disciplina. Tal situação já persiste e vem se agravando há quase duas décadas, como podemos acompanhar pelos estudos e pesquisas levados a efeito nas mais diversas instituições acadêmicas do país.

De um lado, podemos dizer que na escola são vividos os problemas sociais: nossa sociedade está atravessando um período de turbulência no que diz respeito à violência, as drogas, álcool entre outros levando ao medo que se faz presente diuturnamente em todos os aspectos da vida social, uma vez que os meios de comunicação, em particular, na propaganda eleitoral, anunciam que há, diariamente, 47 pessoas mortas, no país, em situações de violência, o que se traduz num aumento excessivo da criminalidade, a ponto de o Brasil atingir o mais alto índice do mundo no que diz respeito aos países que matam com arma de fogo (mesma fonte). Nesse cenário, a escola procura dar conta de seu papel de formar o aluno, preparando as novas gerações para exercer o comando da sociedade.

Vários dispositivos legais são criados para fazer funcionar regras e leis como garantia de uma retaguarda ao desenvolvimento da criança. No entanto, a escola não tem conseguido dar conta dessa atribuição como deveria. Está descaracterizada, perdeu o eixo: conhecimento, tradição. E isso está causando um mal-estar nos professores que se sentem impotentes frente a essas demandas, têm que preparar o aluno para a vida fornecer-lhe ferramentas e conhecimentos com os quais poderá atuar em vistas de conduzir a civilização. Há a idealização de um futuro sem referências ao passado, sem uma aposta na criança. E, frente à magnitude do dever e falta de embasamento no passado, vê-se impedido de ensinar, vê-se em escolas que não conseguem segurar o aluno dentro da sala de aula, muita menos despertar e manter seu interesse pelos conteúdos curriculares específicos.

3.5 - O Que o Aluno Espera do Professor?

Esta é outra questão que deve ser relevada, ao chegar à sala de aula, o aluno espera encontrar um professor amigo, acolhedor, confiante naquilo que faz, tranquilo, e não com fisionomia de cansado ou estressado, estando sempre alegres, dispostos,

brincalhões e principalmente quando se trata em ensinar. E que este professor seja muito criativo ao transmitir as matérias curriculares, que muitas vezes são complexas e maçantes.

O educando espera aprender tamanha complexidade com prazer dentro de um ambiente acolhedor, pois ali também é parte do seu lar, ali passará parte de sua vida. Esse aluno ainda espera encontrar no professor alguém disposto a ajudá-lo em suas dúvidas, que o critique menos e construa mais a sua auto-estima dele próprio e dos amigos a sua volta.

Espera o aluno a compreensão do professor quando este se cansa por alguns instantes e precise se levantar para fazer algo rapidamente (como no caso ir ao banheiro e etc.), para poder voltar mais atento.

Quer ainda trabalhar em sala de forma que se possa fazer uso do amigo ao lado, pois é cansativo ouvir somente o professor, embora reconheçam que sua transmissão seja muito rica.

O aluno espera mesmo em meio à seriedade do conteúdo, ainda, aprender brincando, cantando ou também visitando algum lugar que torne o conhecimento mais prático do que somente teórico.

O educando ainda espera encontrar no professor uma visão de raios-X, quando, não está a fim de prestar a atenção, porque este cansado ou com problemas pessoais, tais como problemas no lar, com amigos entre outros.

3.6 - Considerações no Relacionamento entre Professor e Aluno

Enfim, tanto professor como aluno colocam seus motivos e questionamentos daquilo que esperam um do outro, tanto professor como aluno não deixam de estarem certos e, em alguns pontos, precisam melhorar suas visões daquilo que esperam, uma vez que desde os primórdios da construção da educação brasileira sob a influência protestante

já dizia e lutava-se por um melhor relacionamento entre professor e aluno. Este trabalho visa entender quando ambos deixam de se entender em sala de aula.

Este fator ocorre, pela análise dos motivos de cada qual e olhando no contexto histórico antigo da reforma protestante educacional, pelo lado da constituição educacional do ensino Religioso, que ainda pode em muito ajudar, pelo lado de que o professor, segundo os reformadores para hoje propõem:

Primeiro, que o professor deverá continuar se aprimorando cada vez mais em seus conhecimentos, tornando-os cada vez mais atuais, para que o aluno entenda onde deverá aplicar todo este conhecimento transmitido.

O professor deve buscar segundo os reformadores por ser mais criativo na transmissão do conhecimento, entendendo a diversidade populacional em sala e verificando qual a carência do bairro ou família, para que este conhecimento não fique deficiente ou fragmentado.

O professor deverá lembrar-se que um dia foi aluno também, entendendo o quanto é difícil somente ouvir, não podendo mexer-se para os lados. Certamente, há diversos casos, mas o professor deve ser aquele que prime por tornar a aula um ambiente prazeroso, sem a qual tudo que se encontrará será a barreira da indisciplina, pela insatisfação de professores exigentes, cansados, desmotivados, por questões diversas. E que muitas vezes leva isto para o aluno, para o conteúdo e tudo se torna ruim. Por vezes o aluno estará em sala somente de corpo, mas a cabeça estará longe devido aos seus problemas.

Então professor e aluno acabam entrando em conflito, podendo o aluno desistir da escola, entrando em crise até com seus amigos.

O aluno tem que entender o professor, mas como Comenius já dizia que parte da indisciplina é responsabilidade do professor, então este professor tem que buscar ganhar

seu aluno, e ganhá-lo significa conhecê-lo em sala, fora de sala em sua comunidade inserida. Porque assim ambos passarão a se entender, havendo compreensão dos dois lados: aluno e professor.

3.7 - Métodos e Técnicas que Podem Ajudar o Professor em Sala de Aula

Esclarece-se nesta pesquisa que não há um método ou uma técnica que mude a indisciplina, mas técnicas observadas e realizadas por alguns estudiosos que podem trazer a lembrança que vale a pena investirem.

Primeiro, o processo de ensino deve conceber a sala de aula que não deverá ser apenas um local de transmissão, mas principalmente um espaço de construção de conhecimento e bom relacionamento.

Para que isto ocorra se faz necessário que o professor reveja seu modo de ensino [...], suas experiências, adquirir habilidades adaptar-se a mudanças e descobrir significados nos seres, nos fatos, nos fenômenos, e nos acontecimentos, modificando suas atitudes e comportamentos (KULLOK, 2002, p. 10-12).

Deve ainda partir da premissa de que pais e alunos precisam ser trabalhados e reunidos com muita delicadeza, pois cada qual tem uma idade, uma história uma formação e um ideal.

Segundo Vasconcellos (2001), este ideal junto com Kullokk deve ser colocado em prática para que tanto pais, alunos e professores venham a aumentar suas potencialidades na busca do consenso para solucionar em conjunto eventuais impasses.

Devem-se ainda criar práticas de ouvir o aluno, visando à investigação das causas do problema e buscando possibilidades de superação do mesmo e integração ao grupo.

A escola deve dispor de sessões para discussão do problema no grupo classe e busca de soluções e estudar cada caso existente para se chegar a soluções plausíveis e fazer parcerias quando possível com grupos de estudos para buscar soluções. Havendo a

conscientização do aluno em relação as suas atitudes, através de interação e intervenção (atendimento individual e grupal).

O professor deve avaliar seu ensino e metodologia e ser criativo na transmissão do conteúdo com aulas participativas e planejadas, buscando por fazer o aluno refletir sobre o que fez, ou o que está acontecendo, e ajudando-o a compreender as causas do seu comportamento. Deverá ainda envolver o aluno em trabalhos voluntários, visando ao desenvolvimento da responsabilidade, disciplina e cidadania.

O professor deve promover eventos para seu crescimento e do aluno, não fazer ameaças, não levantar a voz, não ser injusto, fazer da sala um espaço de convivência, manter seu material sempre atualizado, transmitir conhecimento com significado, compreender como o outro pensa, investigar, analisar, criticar, justificar, generalizar, descobrir, pesquisar, inventar, imaginar e avaliar. A relação professor e aluno deve ser uma relação em equipe de parceria e diálogo, e não fragmentado. O professor devera fazer uso de histórias e atividades bíblicas para trazer ensinosa vida do aluno.

O professor deve sair de sua mesa para estar mais perto do aluno, criando regras de conduta que envolva a participação do aluno, pois este tem condição e senso moral.

*Avaliar o ensino pela visão do aluno (FREIRE, 1996, p. 7)
Aulas fora do espaço escolar, e com pesquisas (KULLOK, 1996,
p.21-22).*

Cury (2003) em sua obra Pais brilhantes, Professores fascinantes, propõe algumas observações em seu livro, para os nossos dias, por meio das numerosas citações que se seguem:

Não basta ser eloqüente, para ser um professor fascinante e preciso conhecer a alma humana para descobrir ferramentas pedagógicas capazes de transformar a sala de aula num oásis, e não numa fonte de estresse. E uma questão de sobrevivência, pois caso contrário alunos e professores não terão qualidade de vida. (p. 6)

Bons professores falam com a voz, professores fascinantes falam com os olhos e falam ao coração do aluno, ex. mude o tom de voz construa emoção no seu falar. (p. 62)

Ensinar alunos a serem pensadores e não repetidores de informação (p. 67).

Os professores fascinantes transformam a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência (p. 62).

Estimule o aluno a pensar antes de agir: perder, correr risco, andar em lugares desconhecidos, ter coragem, para que não mergulhem na sociedade sem qualquer preparo para viver (p. 66).

As informações mais úteis são aquelas transformadas em conhecimento, e que por sua vez, soa transformadas em experiências (p. 71).

Formar pessoas que façam diferença no mundo (p. 72).

Não se cale sobre suas histórias, transmita suas experiências de vida. As informações são arquivadas na memória, as experiências são cravadas no coração. (p. 74).

Bons professores corrigem o comportamento agressivo dos alunos, professores fascinantes resolvem conflitos em sala de aula (p. 75).

Ser amigo do silêncio no calor da raiva (p.76)

O bom professor educa seus alunos para uma profissão, o professor fascinante educa para a vida (p. 79).

Prepare seus alunos para explorar o desconhecido, para não terem medo de falhar, mais medo de não tentar, ensine-os a conquistar experiências originais através da observação de pequenas mudanças e da correção de grandes rotas. (p. 80).

Não corrigir publicamente, para não gera traumas inesquecíveis que o controlara por toda a vida. (p. 87)

Elogiar o jovem antes de criticá-lo (p. 95).

Construir pontes com pessoas difíceis (p. 10).

A educação deve ser seria mais agradável (p. 133).

Jesus não controlava ninguém, apenas expunha suas idéias e convidava as pessoas a refletirem dizendo: quem tem sede, quem quiser me seguir, instigava a arte de pensar (p. 140).

Nas Sagradas Escrituras observam-se as seguintes citações: Quem ama a disciplina ama o conhecimento, e o que a aborrece é estúpido, Provérbios 12.1.

Não devemos retirar a disciplina da criança, pois a correção a fará permanecer no caminho da vida na fé e na vida correta. Provérbios 23.13^a.

Em Efésios 6.4b, coloca que os filhos devem desde cedo ser criado na disciplina do Senhor, ou seja, guiá-los na correção do caminho para que estes venham a obedecê-lo.

Segundo Downs em seu livro a obediência e a disciplina são ensinados primeiros com exemplo, e a consistência do estilo de vida dos pais será o fator que marcará.

Devemos procurar as causas da indisciplina com amor e propósitos bem

definidos, visando disciplinar, trabalhar e ajudar com justiça, sabedoria como professor, (ALMEIDA, 1991, p.15).

Esses são alguns dos muitos meios e métodos e técnicas que devem ser observadas entre tantos, para nortear a mudança do paradigma em sala de aula, assim como Lutero, Calvino, e Comenius lutaram tanto em suas épocas para mudar a relação professor e aluno, tornando uma sociedade melhor em junção com o Sagrado.

CAPÍTULO 4 - BREVE PESQUISA REALIZADA EM DOIS COLÉGIOS DA REDE PARTICULAR

Nesta pesquisa fez-se uso da observação de dois colégios da rede particular de ensino, um localizado no bairro da zona sul de São Paulo, de classe média alta, e o segundo localizado no bairro da zona leste, de classe média baixa.

Esta observação foi realizada durante um curto período de vivência parcial nestes dois colégios, devido ao estágio realizado a cargo do curso de pedagogia. Na ocasião, não havia a intenção de tal observação, mas chamou-se a atenção o problema da indisciplina, pelo fato de os dois colégios possuírem uma excelente estrutura de ensino e do corpo pedagógico e administrativo bem formado.

A indisciplina advinha dos dois colégios no ensino fundamental II. Durante o tempo de estágio, nestes dois colégios, observou-se que a indisciplina já estava num grau bem avançado. Inicialmente, a escola considerava que o problema cabia unicamente ao aluno, e toda a advertência era para o aluno.

Quando pais e corpo pedagógico não davam conta de melhoria, o aluno era expulso do colégio. Por dois anos, nos dois colégios, o corpo docente demorou a perceber que seus métodos de correção eram ineficazes, técnicas precisariam ser corrigidas, e que a culpa não era somente do aluno, o professor e o corpo pedagógico também deveriam se atualizar para as mudanças em seu meio social inserido. Após muitos conflitos na relação entre professor e aluno, surgiam convites para a retirada do aluno. No terceiro ano ali, professores chegaram à conclusão de que o corpo docente precisava ser mais humano, tolerante, entendendo o jovem de hoje em seus anseios diversos, e que projetos e melhores parcerias deveriam ser realizados com urgência para trazer mudanças na estrutura do corpo docente e do educando. E outro

fator importante é que não faziam uso do Sagrado, este era usado somente para aqueles que tinham o interesse, e não como parte da matriz curricular para um construto comportamental diferenciado.

O colégio de classe média alta buscou até onde se observou nos meios pedagógicos, palestras, reuniões de debates para resolver a questão e em estudos de caso, para o professor poder se atualizar.

E os resultados após longos estudos do corpo docente já se viam acontecer, na relação professor e aluno, mas ainda tinha-se muito para alcançar.

No segundo colégio de classe média baixa, primou-se também por buscar em livros respostas para conter a indisciplina e estudos de caso em que cada professor pesquisava meios, a resolução a casos difíceis. Neste colégio, foi feito o uso das Escrituras Sagradas como meio de construção de humanização no aluno, visando trazer um comportamento disciplinar melhor e uma melhor relação entre professor e aluno.

E ao final deste projeto este colégio alcançou melhores resultados disciplinares e de relação professor e aluno e de cooperativismo entre os alunos e maior prazer e compreensão em sala de aula.

Entre os dois colégios observados brevemente, o que melhor resultado obteve foi o colégio de classe média baixa porque envolveu os alunos com o Sagrado para conter a indisciplina. Isso, os reformadores já haviam apontado as transformações ocorrentes do envolvimento com o Sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo trazer a reflexão no estudo do protestantismo brasileiro a partir do estudo em Lutero, Calvino e mais propriamente em Comenius, na atuação na educação com vistas ao Sagrado e como estes exemplos passados através destes três reformadores poderiam hoje amenizar os conflitos indisciplinados do ensino fundamental II.

A partir destes questionamentos, foram realizadas pesquisas bibliográficas, observações em salas de aulas, no ambiente escolar, sempre a partir da leitura em Comenius sobre a questão da disciplina.

Chegou-se a conclusão inacabada de que é possível, sim, amenizar a indisciplina, com vistas no passado dos três reformadores que propunham que o segredo para se melhorar a indisciplina era que houvesse uma junção entre educação e Sagrado, numa busca de melhores profissionais e métodos educacionais, que se fizesse uma profunda pesquisa e reflexão para que se chegasse ao remédio certo, em vistas de conter o problema disciplinar no aluno, sem os quais estaria fadada a perda total ou parcial deste educando.

Tanto no passado como no presente, os erros continuam ainda se propagando, embora a conscientização esteja muito maior hoje. Como Augusto Cury (2003) aborda, Jesus não controlava ninguém, apenas expunha suas idéias e convidava a refletirem dizendo quem tiver sede, quem quiser me seguir, instigava a arte de pensar e era realmente isso que falta o agir não pela força de atos verbais ou ameaças ou no ardor da ira, mas saber que o bom e fascinante professor não corrigem comportamentos ou os impõem, o professor resolve conflitos em sala levando o aluno a pensar para a vida para que façam diferença na vida, e saibam atuar nela, em suas mais diversas situações.

Esta era a questão que os três reformadores primavam e mais tarde outros educadores. Por mais métodos e técnicas que se possam encontrar, só será válido se o docente entender de verdade, segundo Cury (2003), “a mente do aluno e procurar respostas incomuns diferentes daquelas a que o aluno está acostumado” (p. 58), para que a partir deste ponto professor e aluno passem a se entenderem de forma humana e disciplinar em sala e fora de sala de aula, ambos passem ainda a ter qualidade de vida e o ensino prazeroso.

Conclui-se com a reflexão a partir desses três reformadores e outros que se deve lutar por trazer o Sagrado ao convívio Educacional, para que professor e aluno se encontrem a Luz das Escrituras. E estes encontrem o caminho da harmonia e relacionamento em sala.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Eduardo Gomes. Educação dos Filhos. Patrocínio: Ceibel, 1991.
- CALVINO, João. A Verdadeira Vida Cristã. São Paulo: Novo Século, 2000.
- COMENIUS, Jan Amós. Comenius & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. Didática Magna. Praga: Fundação Calouste Gubenkian, 1957.
- CORRÊA, Adolpho Machado. Lares escolas e igrejas. Piracicabana: Pendão, 1980.
- CURY, Augusto. Pais brilhantes, Professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DELORS, Jacques. Educação tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2000.
- DOWNS, PerryG. Introdução a Educação Cristã. EUA: Cep. 1994
- FRELLER, Cíntia Copit. Histórias de Indisciplina Escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia, saberes necessária a prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. História das Idéias Pedagógicas. São Paulo: Ática, 2005.
- GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. Religião Educação & Progresso. São Paulo: Mackenzie, 2000.
- GUIMARÃES, Maria Luiza de Andrade. O tempo e o espaço da alegria na escola. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- HACK, Osvaldo Henrique. Protestantismo e educação brasileira. São Paulo: CEP, 1985.
- KULLOK, Maisa Gomes Brandão. Relação Professor-Aluno. Maceió: CEFAL, 2002.
- LARROYO, F. História Geral da Pedagogia. Vol. II. São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- LOPES, Edson Pereira. O conceito de Teologia e Pedagogia na Didática Magna de Comenius. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- _____. A inter-relação da Teologia com a Pedagogia no pensamento de Comenius. São Paulo: Mackenzie, 2006.
- LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. Vol. V. Porto Alegre: Dal/Concórdia, 1995.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Celeste Porvir. São Paulo: Paulinas, 1984.
- NICHOLAS, Robert Hastings. História da Igreja Cristã. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1997.
- NÓVOA, Antônio. Os Professores e a sua formação. Portugal: Dom Quixote, 1992.
- PATTOS, Maria Helena Souza. A Produção do Fracasso Escolar, Histórias de Submissão e Rebeldia. São Paulo, 1991.
- RAMALHO, Jether Pereira. Prática Educativa e Sociedade, um estudo de sociologia da Educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo: CEP, 1981.
- VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. Indisciplina Escolar e Contemporaneidade. São Paulo: Mackenzie, 2001.
- WALLACE, Ronald. Calvino, Genebra e a Reforma. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- ZABALA, Antônio. A Prática educativa, Como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.